

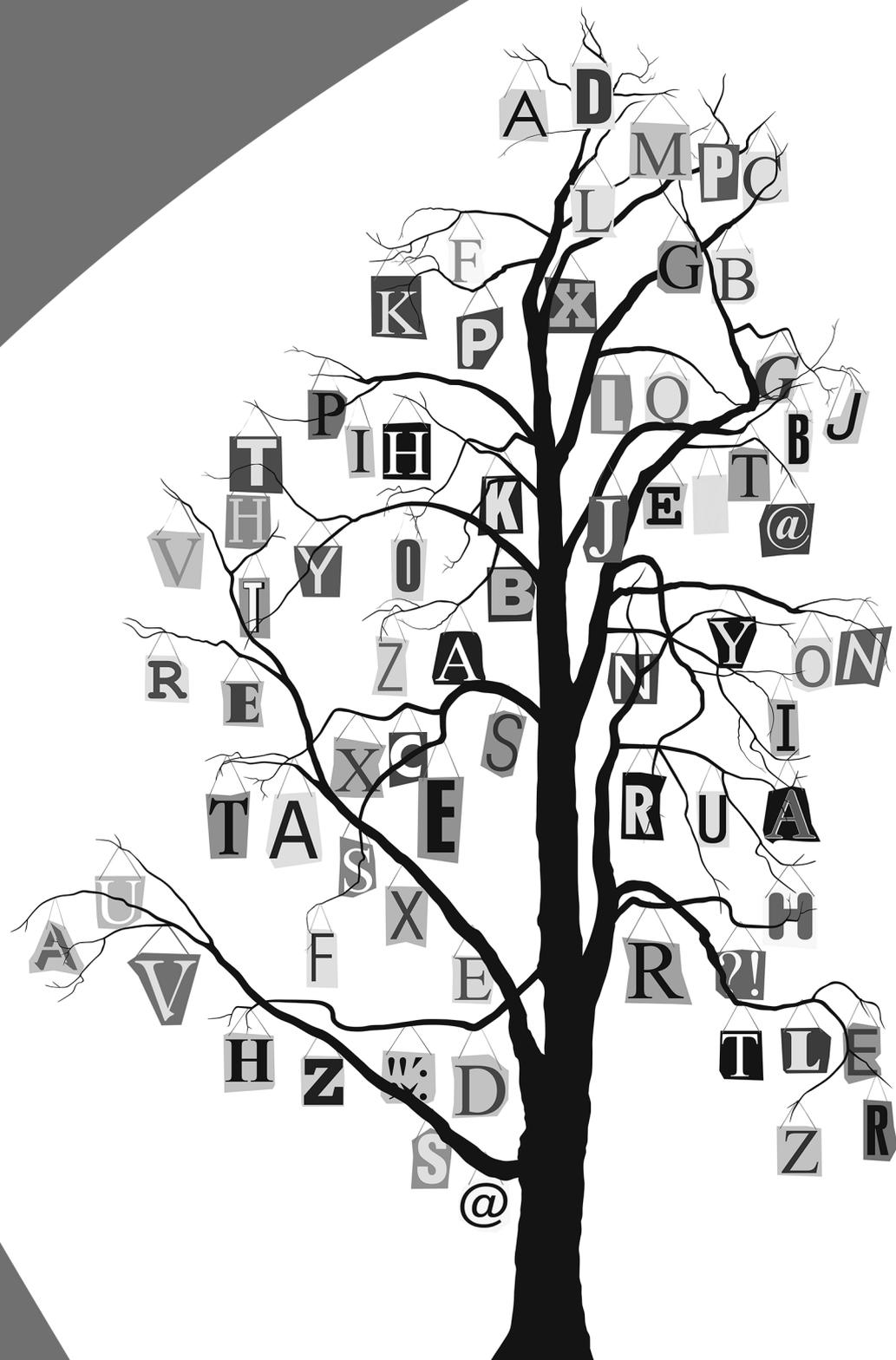
# (In) Subordinações Contemporâneas Linguística, Letras e Artes 2

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)



# (In) Subordinações Contemporâneas Linguística, Letras e Artes 2

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Geraldo Alves

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
159	<p>(In) Subordinações contemporâneas [recurso eletrônico] : linguística, letras e artes 2 / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia            ISBN 978-65-86002-18-8            DOI 10.22533/at.ed.188202802</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes.            3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de.</p> <p style="text-align: right;">CDD 407</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Neste e-book as reflexões giram em torno dos estudos voltados para as áreas da linguística, da literatura e das artes. Não é uma obra, unicamente, composta por estudos e investigações linguísticas, tampouco destinadas somente ao fazer literários e ao estudo das artes. Estas reflexões são constituintes de uma coletânea plural das ideias e dos conhecimentos que aqui se apresentam, assim como devem ser todas as investigações que têm o ser humano como principal agente de problematizações e soluções.

Os trinta e três capítulos que dão formatos e sentidos à obra estão no mesmo patamar das propostas em que é valorizada cada forma como os seus autores se debruçam sobre seus escritos, suas análises e suas investigações, denotando que o ser humano é, por excelência, um sujeito que está envolvido e inserido na linguagem para entender outros contextos comunicativos, poéticos, estéticos e discursivos.

Todos os capítulos são necessários e imprescindíveis para a efetivação desta obra, pois felizes e ousados são os autores que se propuseram a demonstrar como os diferentes conhecimentos estão sendo formulados e construídos nos diferentes contextos de realização da linguagem.

Em cada capítulo a presença das marcas singulares é latente, porque a linguística utiliza-se da literatura e da arte para criar seus objetos de investigação, análise, estudo, problematização e de construção de sentidos, visto que é na linguagem que os questionamentos podem tomar formas em propostas e sugestões. Assim como a literatura se utiliza da arte, a arte refaz o mesmo caminho da literatura e da linguística, mas de maneira mais singular, porque cumpre a nobre missão de nos encantar.

As (in) subordinações semânticas que compõem esta obra se justificam pela diversidade de conhecimentos e de saberes estruturados contidos em cada parte deste e-book. Entendê-las e construir pontes dialógicas na formação cognitiva do sujeito são algumas das funções dos trinta e um capítulos que formatizam as ideias lançadas nesta coletânea plural.

Assim, todos os autores que aqui se propuseram, fazem votos de que os leitores, principais interlocutores desta obra, encontrem as respostas para seus questionamentos e, mais ainda, sejam capazes de elaborar outras questões na criação de possibilidades que se estabelecem em uma cadeia interconectada de saberes.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
AS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NOS EXAMES DE PROFICIÊNCIA DAS UNIVERSIDADES DE SANTA CATARINA	
Cassiane Lemes Batista Tadinei Daniel Jacumasso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1882028021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
A LINGUAGEM DOS PERIÓDICOS DE ÉPOCA, EM TORNO À ESCRAVIDÃO	
Maria Lucia Mexias-Simon	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1882028022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
LETRAMENTOS E ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: DO DISCURSO À PRÁTICA	
Indionara de Matos Márcia Adriana Dias Kraemer	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1882028023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
LETRAMENTOS MULTISSEMIÓTICOS: O AUDIOVISUAL COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO DE LÍNGUAS	
Ana Paula Domingos Baladeli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1882028024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS NO ENSINO DE GRAMÁTICA E GÊNEROS DE TEXTOS	
Ivan Vale de Sousa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1882028025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>65</b>
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS EM UMA ESCOLA BILÍNGUE NA CIDADE DE IMPERATRIZ-MA	
Nereda Lima de Carvalho Hávila Sâmua Oliveira Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1882028026</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>74</b>
PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DA COMPREENSÃO AUDITIVA EM LÍNGUA INGLESA VIA <i>MOODLE</i>	
Gabriel Marchetto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1882028027</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>85</b>
TRABALHANDO A ORALIDADE ATRAVÉS DA MÍDIA PODCAST NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Sidinei Mateus Schmidt Fabiana Diniz Kurtz Taíse Neves Possani	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1882028028</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>93</b>
MONITORIA DE LEITURA E DE PRODUÇÃO TEXTUAL NA UNIVERSIDADE: LETRAMENTOS PARA AS PRÁTICAS SOCIAIS	
Pamela Tais Clein Capelin Márcia Adriana Dias kraemer	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1882028029</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>105</b>
RÁDIO NA FEIRA: DISCURSO E ORALIDADE NO VIÉS DA LITERATURA	
Darlise Vaccarin Fadanni	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>117</b>
CONCEPÇÃO DA LINGUÍSTICA APLICADA EM UM PROJETO DE CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO	
Daniele Santos Rocha Emerson Tadeu Cotrim Assunção Juliana Alves dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>128</b>
UMA VISÃO SOBRE OS GÊNEROS LITERÁRIOS AO LONGO DA HISTÓRIA	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>150</b>
TRAVESSIAS ÉTICO-POLÍTICAS: ESTUDOS EM ATUAÇÃO	
Tânia Tiemi Ikeoka	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>163</b>
UM ESTUDO COMPARADO ENTRE AS OBRAS <i>SIMÃO DIAS</i> E <i>O CORTIÇO</i> , NAS PERSONAGENS LUISA, DO CARMO E POMBINHA	
Rosa Gabriely Monteiro Fontes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280214</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>173</b>
A SERIEMA, A CIDADE E A MULHER NA POÉTICA DE APARECIDO ALVES MACHADO	
Erick Vinicius Mathias Leite Altamir Botoso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280215</b>	

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>193</b>
SUBORDINAÇÃO E SUBALTERNIDADE DA MULHER INDÍGENA EM <i>CRIADA</i> (2009), DE MATÍAS HERRERA CÓRDOBA	
Larissa Natalia Silva Rosangela Schardong	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>206</b>
PROTAGONISMO FEMININO NO CÁLIX DE VINHO DE JULIANA	
Jeane de Cássia Nascimento Santos Antonio Marcos dos Santos Trindade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>217</b>
MEMÓRIA, HISTÓRIA E ANCESTRALIDADE NO ROMANCE <i>UM DEFEITO DE COR</i> , DE ANA MARIA GONÇALVES	
Ramon Rocha Ribeiro Cristian Souza de Sales	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>232</b>
ANÁLISE DA CARGA NEGATIVA DA SOMBRA NA <i>MISE-EN-SCÈNE</i> DO CINEMA EXPRESSIONISTA	
Juan Francisco Celín Robalino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>247</b>
O MALANDRO NO CONTO “O HOMEM QUE SABIA JAVANÊS”, DE LIMA BARRETO	
Victória Nantes Marinho Adorno Altamir Botoso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280220</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>259</b>
QUE FOGO NOS TRAZ ESSE PROMETEU MODERNO: AS TRÊS FASES DA ESCRITA FEMININA DE ELAINE SHOWALTER EM <i>FRANKENSTEIN</i> DE MARY SHELLEY	
Ana Claudia Oliveira Neri Alves Algemira de Macêdo Mendes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280221</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>270</b>
INOVAÇÃO EDUCACIONAL: O FENÔMENO DA TRANSMÍDIA NA VIDA ESCOLAR DOS JOVENS DE BREVES-PA, ILHA DO MARAJÓ	
Valéria de Oliveira Pena Borges Bruno Diego Fernandes Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280222</b>	

<b>CAPÍTULO 23</b> .....	<b>275</b>
MÚSICA, ALFABETIZAÇÃO E FOLCLORE: POSSÍVEIS INTERLOCUÇÕES	
Cibele Machado Maier Cristina Rolim Wolffenbüttel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280223</b>	
<b>CAPÍTULO 24</b> .....	<b>283</b>
O CORPO EM <i>BREATH, EYES, MEMORY</i> : DESLOCAMENTO,TRAJETÓRIAS E POSICIONAMENTOS	
Juliana Borges Oliveira de Moraes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280224</b>	
<b>CAPÍTULO 25</b> .....	<b>293</b>
PENSANDO O CORPO CÔMICO NA DANÇA	
Diego Mejia Neves Clara Gouvêa do Prado Leonardo Birche de Carvalho Mariana dos Reis Gabriel	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280225</b>	
<b>CAPÍTULO 26</b> .....	<b>300</b>
DESAFIOS DO LICENCIADO EM DANÇA:DA GRADUAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO	
Juliana Ramos Buçard do Carmo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280226</b>	
<b>CAPÍTULO 27</b> .....	<b>304</b>
ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: DANÇA E REABILITAÇÃO NEUROLÓGICA INFANTIL	
Maria Fernanda Silva Azevedo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280227</b>	
<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>316</b>
ELO: LEGADO CULTURAL CAPIXABA	
Camila Honorio Alves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280228</b>	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>324</b>
CAMINHOS DA PRESENÇA: COM-SENTINDO OUTRAS/OS BAILARINAS/OS POSSÍVEIS	
Daniela Isabel Kuhn Juliana Maria Greca	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280229</b>	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>337</b>
DANÇA E CONHECIMENTO: FORMULAÇÕES OU INSURGÊNCIAS DO AGORA	
Márcia Virgínia Mignac da Silva Iara Cerqueira Linhares de Albuquerque	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280230</b>	

<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>349</b>
DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS E DE MATRIZ AFRICANA: A ABP E UMA PROPOSTA DE PROJETO INTERDISCIPLINAR NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Joana Maria Santana Torres	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280231</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>364</b>
ESPAÇO URBANO, RESISTÊNCIA E LITERATURA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA ACERCA DA APROPRIAÇÃO DA CIDADE	
Leandro Souza Borges Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280232</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>384</b>
REVITALIZAÇÃO DE ÁREAS PÚBLICAS: DISCURSOS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDEOLÓGICAS DE HIGIENIZAÇÃO SOCIAL	
Juliana Ferreira Vassolér	
Letícia Leal Lima	
<b>DOI 10.22533/at.ed.18820280233</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>399</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>400</b>

## REVITALIZAÇÃO DE ÁREAS PÚBLICAS: DISCURSOS, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDEOLÓGICAS DE HIGIENIZAÇÃO SOCIAL

Data de aceite: 18/02/2020

### Juliana Ferreira Vassolér

Juliana Ferreira Vassolér é doutoranda em Linguística pelo PPGL/UnB (2019); mestra em linguística pelo PPGL/UnB (2018); especialista em Práticas de Letramento e Práticas Interdisciplinares pela Universidade de Brasília (2015); especialista em Língua e Literatura pela UEG (2005). Desenvolve pesquisas em Análise de Discurso Crítica; Discursos, Representações Sociais e Textos. julianavassoler@hotmail.com

### Letícia Leal Lima

Letícia Leal Lima é mestranda em Linguística pelo PPGL/UnB, em 2017; licenciada em Letras-Português e Inglês e respectivas licenciaturas, pela Universidade Federal de Uberlândia, em 2005. letycialeal@gmail.com

**RESUMO** O artigo apresenta a reflexão e a análise de representações discursivas e ideológicas presentes em textos cujo tema central aborda ações policiais conduzidas pela prefeitura de São Paulo, na região conhecida como Cracolândia, em 22 de maio de 2017, sob o pretexto de revitalização da área. Esta perspectiva integra uma análise textualmente orientada, voltada para questões de justiça social e justifica-se pela necessidade de evidenciar como as pessoas são representadas e como a ideologia da higienização social

é materializada no discurso. A metodologia é qualitativa (descritiva/interpretativa) e a análise concentra-se no *corpus* constituído pelo texto “Cracolândia, a questão”, publicado pela revista VEJA na edição 2532 – ano 50 – nº 22. O estudo toma como pressupostos teóricos metodológicos da Análise do Discurso Crítica – ADC (FAIRCLOUGH 2001, 2003, CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH 1999), dos modelos analíticos de representação dos atores sociais de Van Leeuwen (1997) e dos modos gerais de operação da ideologia de Thompson (2011). Os resultados expressam, através das particularidades linguísticas e das nuances de significado, a desumanização e a estigmatização das pessoas que vivem no ambiente da Cracolândia.

**PALAVRAS-CHAVE:** ADC. Representação de atores sociais. Ideologia. Estigmatização. Cracolândia.

**ABSTRACT** This article presents the reflection and analysis of discursive and ideological representations in textual productions in which the central theme is structured based on the police actions, conducted by the state government of São Paulo in the region known as Cracolândia, on May 22, 2017. This perspective is consistent with the purpose of a textual analysis focused on issues of social justice and is justified by the need to highlight how people are represented

and how the ideology of gentrification materializes through discourse. The methodology is qualitative and the analysis is concentrated on the *corpus* constituted by the text “Cracolândia, the question”, published by VEJA magazine in edition 2532 - ano 50 - nº 22. The study is based on the assumptions of Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH 2001, 2003, CHOULIARAKI, FAIRCLOUGH 1999), Van Leeuwen’s (1997) analytical models of social actors and Thompson’s (2011) general modes of operation of ideology. The results express, through linguistic peculiarities of meaning, the dehumanization and stigmatization of people living in the environment of Cracolândia.

**KEYWORDS:** Critical Discourse Analysis. Analytical models of social actors. Ideology. Stigmatization. Cracolândia.

## 1 | INTRODUÇÃO

Refletir sobre ações públicas voltadas para a questão do consumo de drogas no Brasil não é uma tarefa fácil. Isto porque, em nosso contexto social, este é um tema controverso e entendido apenas como questão política e jurídica, relegando sua natureza social complexa para segundo plano.

No âmbito discursivo, os discursos sociais sobre o tema, quando não silenciados, apontam para uma visibilidade violenta, pois apresentam-se de forma superficial e, por vezes intolerante.

Nesse contexto, as ações públicas de revitalização da Cracolândia apoiam-se no discurso institucional governamental de segurança, combate às drogas e urbanização, entretanto o objetivo principal da ação é a higienização social e a gentrificação da área.

## 2 | CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL

Cracolândia é a designação da região da Luz, em São Paulo (SP), e sua origem é relacionada à deterioração urbana ocasionada com o fim do Terminal Rodoviário da Luz, em 1982. Em 1986, políticas públicas já buscavam solucionar o abandono dos prédios e dos moradores do local, mas foi a partir da década de 90 que problemas relacionados ao tráfico de crack tornaram-se constantes. Durante esse período, o território ficou conhecido como Cracolândia e passou a ser alvo de diversas intervenções estatais.

A região conserva pensões, albergues e pequenos hotéis, e, apesar da generalização da quantidade de usuário de drogas no local, há também moradores que não fazem parte desse grupo, mas são, muitas vezes, ignorados pelas políticas públicas que tratam do tema. As últimas quatro administrações municipais buscaram medidas para ressocialização dos usuários de drogas e revitalização da área, ou com medidas policiais para pôr fim ao tráfico de drogas na região.

A investida dos governos municipal e estadual, retratada no artigo em análise, teve o objetivo de “limpar” o espaço, demolindo prédios e dispersando usuários de drogas, numa ação da polícia civil de São Paulo. Essa intervenção está ligada à ideia de gentrificação, que, apesar de semelhante a um projeto de revitalização urbana, com ele não se confunde, pois a revitalização urbana faz parte de uma demanda específica da sociedade para beneficiar os moradores de dada localidade. A gentrificação, segundo Costa (2016), apoia-se em

“obras que beneficiam a todos, mas não motivada pelo interesse público, e sim pelo interesse privado, relacionado com especulação imobiliária. Logo, tende a ocorrer em bairros centrais, históricos, ou com potencial turístico”. (COSTA, 2016, acesso em : 03 outubro 2017).

O entendimento de que essa atuação estatal se baseia em um processo de gentrificação e higienização social está calcado nas ações conduzidas pela Prefeitura e pelo Estado de SP. Prédios foram demolidos e moradores desalojados, isto é, a pretendida revitalização de uma das regiões centrais da cidade não tem o objetivo de melhorar a vida dos que lá vivem, mas valorizar a imagem do território que provavelmente será alvo de futuras especulações imobiliárias.

Discursivamente, os textos que permeiam o caso tentam explicar e justificar as ações dos envolvidos em termos de causas e consequências da exclusão social de usuários de drogas, ou seja, por meio da omissão, da repressão, da violência ou do silenciamento como uma forma de invisibilidade opressiva.

Considerando o texto como um evento social relevante para o estudo de processos sociais e a estrita relação que estabelece com as relações de poder, este estudo justifica-se pela necessidade de se evidenciar os modos como as pessoas são representadas e como a ideologia da higienização social se materializa por meio do discurso em termos de recursos linguísticos e discursivos, evidenciando como as representações dos atores sociais são construídas no texto, e apontando os modos de operação da ideologia concretizados nesses discursos.

Esta perspectiva coaduna-se com o propósito de uma análise textualmente orientada e voltada para questões de justiça social. Os procedimentos metodológicos estão fundamentados numa pesquisa de cunho qualitativo (descritiva e interpretativa) para a seleção do *corpus* e para o desenvolvimento da análise, que está concentrada na descrição discursiva dos dados e dos significados dos recursos linguísticos. De acordo com Brasileiro (2013), a análise discursiva é aquela que se ocupa de interpretação dos fenômenos e da atribuição de significados, portanto, constitui-se adequada para este estudo.

Com base nessas diretrizes, o artigo propõe a análise do texto “Cracolândia, a questão”, veiculado pela revista VEJA, edição 2532 – ano 50 – nº 22, publicada em

31 de maio de 2017, cuja temática traz referências às recentes ações públicas na região da Cracolândia.

### 3 | CIRCUITO ANALÍTICO CRÍTICO - APORTES TEÓRICOS

O estudo está balizado pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso Crítica – ADC (FAIRCLOUGH 2001, 2003; CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), com modelos analíticos de representação dos atores sociais de Van Leeuwen (1997) e com modos gerais de operação da ideologia de Thompson (2011) para empreender a análise do *corpus*.

Na concepção de Fairclough (2001), o discurso é entendido como uso da linguagem como forma de prática social, ou seja, o discurso é uma forma como as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. O autor atenta para a relação dialética entre discurso e sociedade, assim, orientações da prática social implicam práticas de natureza discursiva que, por sua vez, recorrem a convenções que naturalizam relações de poder e ideologias particulares. Essa perspectiva está em consonância com Chouliaraki e Fairclough (1999), para quem questões sociais são, em parte, questões discursivas e vice-versa.

Fairclough (2003) soma à essa noção o conceito de texto como evento discursivo e apresenta os significados do discurso como estratégia de compreensão da linguagem segundo sua funcionalidade nas práticas sociais, tais como a forma de agir no mundo, de se relacionar, de representar e identificar a si, a outrem e a aspectos do mundo. Logo, as escolhas linguísticas adotadas para as representações discursivas compreendem a prática social e o campo de saber como conhecimento das ordens de discurso e de suas aplicabilidades, das relações semânticas que expressam e dos significados que acessam.

Para efeito de análise, ambas as concepções de Fairclough (2001, 2003) são necessárias para encadear as estratégias de representações e desvelar os discursos de dominação que constituem as identidades dos atores sociais representados no texto analisado. Na análise textual, serão abordadas relações semânticas, lexicais e acarretamentos das suposições e pressuposições. As categorias propostas por Fairclough (2001, 2003) conversam com outras categorias de análise, como as de Representação de Atores Sociais (VAN LEUWEN, 1997) e os modos de operação de ideologia de Thompson (2011).

#### 3.1 Discurso: linguagem e representação dos atores sociais

As formas como as pessoas e os grupos sociais são representados no discurso acompanham o nexos de linguagem como ação, pois apontam um sistema de crença

e valores e de relações entre grupos estabelecidas nas práticas sociais. Com esse entendimento, Van Leeuwen (1997) propõe um inventário sócio-semântico dos modos pelos quais os atores sociais podem ser representados. Esse quadro de modos de representação realiza-se com base em um potencial de significados orientados pelo contexto de representação desses atores sociais.

As categorias propostas Van Leeuwen (1997) são Exclusão e Inclusão. A exclusão pode ocorrer por supressão ou encobrimento (colocar em segundo plano) e a inclusão pode realizar-se por ativação, passivação, participação, circunstancialização, possessivação, personalização, impersonalização, genericização, especificação, assimilação, associação, dissociação, indeterminação, diferenciação, nomeação, categorização e sobredeterminação.

A análise deste artigo pretende identificar questões relacionadas à representação dos atores sociais, com base em Van Leeuwen (1997) e, concomitantemente, investigar modos ideológicos de funcionamento da linguagem utilizados no texto e preconizadas por Thompson (2011).

### **3.2 Discurso: linguagem e modos de operação da ideologia**

É possível afirmar, com base em Thompson (2011), que a linguagem age no estabelecimento e na manutenção de relações de poder. Nesse sentido, o autor refere-se a formas simbólicas de vários tipos, desde as falas linguísticas cotidianas até às imagens e textos complexos que podem ser utilizadas para construir o sentido (significado), que, em certos contextos, estabelece e sustenta relações de poder assimétricas. Dessa forma, estudar ideologia reclama a apuração do funcionamento dessas formas simbólicas, e de como seus significados podem ser utilizados com o objetivo de apoiar e reproduzir relações de dominação.

Sendo assim, além das categorias propostas por Van Leeuwen (1997), selecionamos modos de operação de ideologia de Thompson (2011), que contribuem para a compreensão das estratégias de representação caracterizadas por marcas de poder e de dominação. As categorias propostas pelo autor são: legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação, e reificação, e suas respectivas especificações.

## **4 | NUANCES DE SIGNIFICADOS – ANÁLISE DICURSIVA CRÍTICA**

O estudo pauta-se em um modelo de análise descritiva interpretativa aplicada ao texto “Cracolândia a questão” (figura 1), a fim de identificar as categorias de representação dos atores sociais e os modos de operação da ideologia empregados. A perspectiva apresentada está em acordo com o que versa Silva (2009, p. 26), no sentido de que a ADC aponta conclusões, recomendações e intervenções práticas e



Presumindo que o leitor concorde que o pressuposto de uma política pública é garantir a assistência e o cuidado às pessoas que vivem e transitam pela região, não importa que droga usem, outra pergunta se impõe: o que fazer com a Cracolândia? A experiência do programa De Braços Abertos (DBA), encerrado pelo atual prefeito, dá mostras da complexidade da situação.

Fui um dos autores da única avaliação sistemática do programa, implantado em 2014. Na sua origem, carregava a marca de ações anteriores, que era confundir politicamente dois aspectos que, embora relacionados, são diferentes: requalificar o território e cuidar das pessoas. Ao DBA também faltaram planejamento e organização. Isso nos foi dito por inúmeros beneficiários do programa durante a pesquisa. Eles também disseram, no entanto, que foi a primeira ação governamental que, no lugar de expulsá-los, interná-los, ou prendê-los, lhes ofereceu um teto, alimentação, assistência e um trabalho remunerado.

Em trajetórias marcadas por traumas, penúria, violência e rompimentos, esse passo não é banal. A pesquisa nos permitiu obter dados sobre o perfil de quem o DBA atendia na região: pessoas de escolaridade mais baixa que a média da cidade, com vínculos de trabalho formal instáveis e uma super-representação de negros e pardos. Um quarto deles foi internado na Fundação Casa quando adolescente e 66% já foram presos pelo menos uma vez. Com base na tese de redução de danos – quando o cuidado é oferecido também a quem não quer ou não consegue manter a abstinência –, o DBA apresenta alguns resultados positivos, mas o mais importante foi prover condições básicas de vida.



**ESCOMBROS** Que ação policial na Cracolândia e "terreno de zero" trouxe frutos de diminuição de casos de overdoses? De qualquer forma, agir sob a égide do cuidado em saúde pública, da manutenção de laços e do respeito às pessoas, não é um compromisso assumido pelo governo atual. O DBA apresenta alguns resultados positivos, mas o mais importante foi prover condições básicas de vida. Como já sabido, o uso excessivo de crack por populações com alto nível de vulnerabilidade social é um potencializador importante, mas não o único, da miséria mental e material. Uma ação de cuidado para uma população com essas características deve ir além de protocolos médicos para tratamento de dependência, o que é o mote do governo atual. Ignorou-se não apenas o que tinha sido aprendido durante o DBA, mas todos os que lá atuavam e suas experiências. Não é um caminho rápido tampouco fácil. Praticamente inexistem experiências de sucesso em tal nível de complexidade social, mas já se sabe que o que produz mais resultados positivos é o oferecimento de um leque amplo de alternativas, que vão além das tradicionais internações voluntárias às estratégias de redução de danos. De qualquer forma, agir sob a égide do cuidado em saúde pública, da manutenção de laços e do respeito à liberdade foi o compromisso assumido pela prefeitura, pelo Ministério Público e por representantes da sociedade civil, em março, na apresentação do projeto Redenção, que é a bandeira de João Dória no combate ao crack. Dois meses depois, assistimos à Polícia Civil protagonizar uma ação policial violenta. Agora já se cogita usar em larga escala a internação compulsória dos que resistirem ao tratamento, sinal de que já se perseguem objetivos ao arrepio da lei. Os governos estadual e municipal, ambos liderados por pré-candidatos à Presidência, querem apresentar, em breve, as ruas da Luz como a "ex-cracolândia". Assim, alcançarão mais um típico "sucesso" na história urbana brasileira, notória por, no lugar de superar a miséria – que incomoda

Como já sabido, o uso excessivo de crack por populações com alto nível de vulnerabilidade social é um potencializador importante, mas não o único, da miséria mental e material. Uma ação de cuidado para uma população com essas características deve ir além de protocolos médicos para tratamento de dependência, o que é o mote do governo atual. Ignorou-se não apenas o que tinha sido aprendido durante o DBA, mas todos os que lá atuavam e suas experiências. Não é um caminho rápido tampouco fácil. Praticamente inexistem experiências de sucesso em tal nível de complexidade social, mas já se sabe que o que produz mais resultados positivos é o oferecimento de um leque amplo de alternativas, que vão além das tradicionais internações voluntárias às estratégias de redução de danos.

De qualquer forma, agir sob a égide do cuidado em saúde pública, da manutenção de laços e do respeito à liberdade foi o compromisso assumido pela prefeitura, pelo Ministério Público e por representantes da sociedade civil, em março, na apresentação do projeto Redenção, que é a bandeira de João Dória no combate ao crack. Dois meses depois, assistimos à Polícia Civil protagonizar uma ação policial violenta. Agora já se cogita usar em larga escala a internação compulsória dos que resistirem ao tratamento, sinal de que já se perseguem objetivos ao arrepio da lei.

Os governos estadual e municipal, ambos liderados por pré-candidatos à Presidência, querem apresentar, em breve, as ruas da Luz como a "ex-cracolândia". Assim, alcançarão mais um típico "sucesso" na história urbana brasileira, notória por, no lugar de superar a miséria – que incomoda

sobre a forma de usuários de crack, todos pobres e “quase todos pretos” -, buscar tirá-la da vista. A reação social à operação lembra aos gestores públicos que as pessoas não são um problema a ser derrubado junto com as casas.

Fui um dos autores da única avaliação sistemática do programa, implantado em 2014. Na sua origem, carregava a marca de ações anteriores, que era confundir politicamente dois aspectos que, embora relacionados, são diferentes: requalificar o território e cuidar das pessoas. Ao DBA também faltaram planejamento e organização. Isso nos foi dito por inúmeros beneficiários do programa durante a pesquisa. Eles também disseram, no entanto, que foi a primeira ação governamental que, no lugar de expulsá-los, interná-los, ou prendê-los, lhes ofereceu um teto, alimentação, assistência e um trabalho remunerado.

Em trajetórias marcadas por traumas, penúria, violência e rompimentos, esse passo não é banal. A pesquisa nos permitiu obter dados sobre o perfil de quem o DBA atendia na região: pessoas de escolaridade mais baixa que a média da cidade, com vínculos de trabalho formal instáveis e uma super-representação de negros e pardos. Um quarto deles foi internado na Fundação Casa quando adolescente e 66% já foram presos pelo menos uma vez. Com base na tese de redução de danos – quando o cuidado é oferecido também a quem não quer ou não consegue manter a abstinência -, o DBA apresenta alguns resultados positivos, mas o mais importante foi prover condições básicas de vida.

Como já sabido, o uso excessivo de crack por populações com alto nível de vulnerabilidade social é um potencializador importante, mas não o único, da miséria mental e material. Uma ação de cuidado para uma população com essas características deve ir além de protocolos médicos para tratamento de dependência, o que é o mote do governo atual. Ignorou-se não apenas o que tinha sido aprendido durante o DBA, mas todos os que lá atuavam e suas experiências. Não é um caminho rápido tampouco fácil. Praticamente inexitem experiências de sucesso em tal nível de complexidade social, mas já se sabe que o que produz mais resultados positivos é o oferecimento de um leque amplo de alternativas, que vão além das tradicionais internações voluntárias às estratégias de redução de danos.

De qualquer forma, agir sob a égide do cuidado em saúde pública, da manutenção de laços e do respeito à liberdade foi o compromisso assumido pela prefeitura, pelo Ministério Público e por representantes da sociedade civil, em março, na apresentação do projeto Redenção, que é a bandeira de João Dória no combate ao crack. Dois meses depois, assistimos à Polícia Civil protagonizar uma ação policial violenta. Agora já se cogita usar em larga escala a internação compulsória dos que resistirem ao tratamento, sinal de que já se perseguem objetivos ao arrepio da lei.

Os governos estadual e municipal, ambos liderados por pré-candidatos à Presidência, querem apresentar, em breve, as ruas da Luz como a “ex-cracolândia”. Assim, alcançarão mais um típico “sucesso” na história urbana brasileira, notória por, no lugar de superar a miséria – que incomoda sobre a forma de usuários de crack, todos pobres e “quase todos pretos” -, buscar tirá-la da vista. A reação social à operação lembra aos gestores públicos que as pessoas não são um problema a ser derrubado junto com as casas.

#### Quadro 1 - Cracolândia, a questão

Para análise da notícia, observou-se o modelo global de organização do discurso proposto por van Dijk (2002). O autor destaca os elementos constituintes da estrutura formal da notícia, organizando-os em sumário (manchete e *lead*), background, evento principal, eventos prévios, consequências e comentário. Nessa perspectiva, o texto

apresentado estrutura-se no padrão da notícia, pois sistematiza a manchete principal “Cracolândia, a questão” e o *lead* que apresenta o fato noticioso, os envolvidos, as causas e as consequências, como no trecho “Com uma ação violenta, o poder público reduziu a escombros a região do crack em São Paulo. Resta lembrar às autoridades que as pessoas não são um problema que pode ser derrubado junto com as casas”. Em seguida, o primeiro parágrafo apresenta o resumo do fato noticioso e propõe uma reflexão sobre a atuação do poder público. O segundo parágrafo fornece o contexto social e político do evento e o terceiro, quarto e quinto parágrafos relatam fatos prévios para lembrar o leitor como a questão do crack em São Paulo foi tratada anteriormente. No quinto parágrafo o autor introduz uma pressuposição a respeito do que se espera de uma política pública. O sexto e o sétimo parágrafos tecem comentários avaliativos do produtor do texto sobre políticas públicas implementadas na região. Já o oitavo e nono parágrafos exprimem um posicionamento político do produtor do texto concernente ao atual governo estadual de São Paulo.

A notícia em questão pode orientar a maneira como se espera que as pessoas reajam ao evento noticioso. Por exemplo, pode direcionar crenças sobre a situação de miséria material e mental dos moradores, frequentadores e pequenos comerciantes que atuam nos bairros Luz e Campos Elísios, identificando-os como grupos sociais de “dependentes químicos”, “usuários de crack”, “aquele com aparência miserável”, classificando-os como problemáticos, marginais e incômodos. Pode também influenciar um posicionamento político quando deixa clara a condução política do texto e, de certa maneira, convoca uma comoção pública contra a atuação do poder público na Cracolândia. Nesse sentido, a análise aqui proposta intenciona investigar as diversas maneiras como as pessoas são representadas e como a ideologia da higienização social é materializada no discurso e, na notícia, torna-se justificativa para determinado posicionamento político.

### 4.3 Cracolândia, a questão: a representação dos atores sociais

Os modos de representação social são construídos socialmente e relacionam-se com aspectos das práticas sociais que estabelecem posições do sujeito e, portanto, relações de poder. Segundo van Leeuwen (1997), a realização da representação de atores sociais em um discurso explicita as intenções do autor e “[...] podem ser includentes ou excludentes para servir os interesses e propósitos em relação aos leitores a que se dirigem”( VAN LEEUWEN, 1997, p.10). No texto, observa-se a figuração das seguintes formas de representação social: inclusão, exclusão, ativação, passivação, assimilação, impersonalização, genericização, dissociação, diferenciação, nomeação e categorização, pois são estas que estão presentes no texto.

Percebe-se a menção por *inclusão* de dois atores sociais que, para efeito de análise, serão divididos em dois grupos: os *agressores* e os *agredidos*. Um terceiro ator social envolvido – o autor do texto - é mencionado ora por *inclusão* por meio da *assimilação*, ora por *exclusão* por meio da *supressão*. Em todo o texto, a representação quanto à *distribuição de papéis* ocorre quando os *agressores* são referidos como atores sociais *agentes*, pois se apresentam como forças ativas e dinâmicas que interferem na realidade. Já os *agredidos* são atores sociais *passivos*, pois recebem a ação dos agentes.

De modo geral, agressores e agredidos são apontados de forma *genericizada* (referência genérica), pois são representados como classe ou grupo. Mesmo no excerto “*Mais de 700 agentes da polícia civil*”, em que há um quantificador, a categoria empregada é a *genericização* realizada pelo *plural sem artigo*. Outra maneira de representação recorrente é a *categorização por funcionalização* (representação em termos de atividades que desempenham), como nos excertos “*governador e prefeito*” e “*dependentes químicos*”, “*usuários de crack*”, ou *categorizados por identificação* (representação em termos de categorias pelas quais a sociedade diferencia os indivíduos: sexo, idade, gênero, classe social, etc.) como em “*aqueles que ocupavam as margens*”, “*pessoas de escolaridade mais baixa*”, “*todos pobres e ‘quase todos pretos’*”.

Entretanto, a menção de forma genérica do grupo agredido é tão vaga quanto o seu apagamento. Concomitantemente, o que se prefere ressaltar no grupo dos agressores é a autoridade. Esse comportamento discursivo reproduz relações de poder e de dominação presentes nas práticas sociais públicas e a naturalização das injustiças por meio de um discurso que, em certa medida, expõe uma visibilidade violenta e polariza as questões de direitos humanos e a barbárie. Outro dado relevante é que apenas um ator social é mencionado como indivíduo, “*O prefeito João Dória*”. Ele é representado por *diferenciação* (categoria que especifica a identidade do indivíduo) e *nomeação* (identidade única) por se tratar da personalidade/autoridade mais relevante em relação ao fato noticiado.

Observa-se que, no segundo parágrafo, o foco da representação dos agressores desloca-se da instituição pública executora da ação, a polícia civil, para concentrar-se no governo estadual, instituição mandante. Essa ação discursiva abrange variações semânticas que são utilizadas para fazer referência ao grupo dos agressores e contribui para construir um cenário no qual as relações de poder estão bem demarcadas. Cabe ressaltar que nem a instituição executora nem a instituição mandante ganham voz no texto, são apenas mencionadas.

Ao mesmo tempo, os agredidos são *impersonalizados* por meio da *abstração* (representação por meio de qualidades) marcadamente negativa quando são aludidos como “*problema*”, “*miséria*” e “*incômodo*”. Essas maneiras de representação

remetem à pobreza extrema, à instabilidade social e cidadã dos atores sociais e, de certa forma, constroem a imagem de um grupo segregado que não aparece agindo no mundo. Discursivamente, essa seleção lexical pode justificar o expurgo do outro e contribuir para a naturalização de ações violentas contra moradores dos bairros Luz e Campos Elísios, uma vez que classifica moradores da região, pessoas em situação de rua e usuários de droga como elemento a ser combatido. Essa estratégia discursiva desloca a atenção do problema social e de saúde pública para concentrar-se no interesse de outros grupos sociais, neste caso específico citado no texto “*os governos estadual e municipal, ambos liderados por pré-candidatos à Presidência*”. Para esse grupo social o discurso institucional governamental de segurança pública, combate às drogas e revitalização de uma das regiões centrais de São Paulo não tem o objetivo de melhorar a vida dos que lá vivem, mas faz parte de uma demanda social específica relacionada à valorização territorial e à especulações imobiliárias, denotando que o objetivo principal da ação é a higienização social e a gentrificação da área.

No trecho “*peças de escolaridade mais baixa que a média da cidade, com vínculos de trabalho formal instáveis e uma super-representação de negros e pardos. Um quarto deles foi internado na Fundação Casa quando adolescente e 66% já foram presos pelo menos uma vez*”, a *assimilação* ocorre por *agregação*, sendo utilizada para produzir um consenso sobre a identidade dos atores sociais do grupo agredido.

Já nos excertos “a degradação”, “imagens de crack sendo vendido como sabão”, “a forma de ocupação de um território” e “o que fazer com a Cracolândia?”, o cerne das representações reporta-se ao *elemento espacial* para mencionar o grupo agredido, caracterizando a *impersonalização* por *objetivação*. Essa forma de representação pode mascarar um comportamento discursivo e ideológico para negar a existência das pessoas em situação degradante, pois são representadas por termos que não carregam o traço humano. Assim, nega-se sua humanidade e seus direitos como cidadãos; paralelamente, mitiga-se a negligência do Estado. A *objetivação* também pode ser verificada em “A pesquisa nos permitiu obter dados sobre o perfil”, trecho em que os atores sociais são representados por referência a seus enunciados, ou seja, por *autonomização*.

Nos excertos “A operação policial” e “A presença das diferentes forças policiais”, a *exclusão* dos agressores ocorre por *supressão* a partir da *nominalização de processos*. Esse mecanismo discursivo tanto pode ser considerado em termos de uma estratégia retórica com fins a evitar paralelismos e repetições quanto pode ser utilizado para amenizar a atuação dos agressores. Já nos excertos “*foram jogadas bombas de efeito moral*”, “*Como já sabido*” e “Ignorou-se não apenas o que tinha sido aprendido durante o DBA, mas todos os que lá atuavam e suas experiências”, a *exclusão* apresenta-se marcada pelo *apagamento dos atores sociais* e pode revelar

o posicionamento do produtor do texto em relação à atuação do governo estadual no evento noticiado.

No que se refere à voz do produtor do texto, a *assimilação por coletivização* decorre da representação de um “nós” que não faz parte nem do grupo de agressores nem do grupo de agredidos, mas de um consenso coletivo que detém o poder avaliativo conforme pode ser observado em “*Esse rápido resumo da operação é necessário para que identifiquemos*”, “*assistimos a policial civil protagonizar uma ação municipal violenta*” e “*não deveria ser aceitável considerarmos*”. No excerto “*Fui um dos autores da única avaliação sistemática do programa, implantado em 2014*”, a voz do produtor do texto não só sucede segregada dos grupos de agressores e agredidos como também de uma coletividade que ele tenta construir no texto, caracterizando sua representação por *dissociação*.

Outra ocorrência importante nos dados é que o produtor do texto recorre à *intertextualidade* para explorar a voz dos agredidos nos trechos “*Isso nos foi dito por inúmeros beneficiários do programa*” e “*eles também disseram que foi a primeira ação governamental que, no lugar de expulsá-los, interná-los ou prendê-los, lhes ofereceu um teto...*”. Entende-se que esse artifício serve como suporte de validação do argumento opositivo do produtor do texto que, de certa forma, incita “*uma reação social à operação*” para lembrar “*aos gestores públicos que as pessoas não são um problema a ser derrubado junto com as casas*”.

#### 4.4 Cracolândia, a questão: modos de operação da ideologia

Thompson (2011) conceitua ideologia em “termos das maneiras como o sentido, mobilizado pelas formas simbólicas, serve para estabelecer e sustentar relações de dominação” (THOMPSON, 2011 p.79). Ao caracterizar essas formas simbólicas, linguísticas ou quase linguísticas, em que significados têm a capacidade de atuar e sustentar diferentes relações de poder, Thompson (2011) discrimina, de forma exemplificativa, cinco formas gerais de operações ideológicas: *legitimação*, *dissimulação*, *unificação*, *fragmentação* e *reificação*. Dentre elas, ressaltamos, no texto sob análise, a *legitimação*, mediante *racionalização* e *narrativização*; *dissimulação*, mediante *eufemização* e *metáfora* e, por fim, *fragmentação* por meio do *expurgo do outro*.

A *legitimação* é utilizada para sustentar a tese de que a ação governamental na Cracolândia não foi acertada. Os argumentos do produtor do texto são construídos mediante *racionalização*, em uma cadeia lógica que busca persuadir o leitor dos maus feitos perpetrados pelo Município e pelo Estado de São Paulo. O artigo é estruturado em assertivas que corroboram um argumento opositivo à atuação estatal, finalizado com o seguinte enunciado: “... as pessoas não são um problema a ser derrubado

junto com as casas”. Aqui é perceptível a proposição definitiva do produtor do texto de que os gestores trataram os moradores da região como problema a ser resolvido e não como cidadãos detentores de garantias fundamentais.

Desse excerto também é possível extrair a grande *metáfora* do artigo, estruturada mediante estratégias de *dissimulação*, a comparação dos moradores da região da Cracolândia com problemas em busca de solução. Embora haja uma tentativa de distanciamento, ora com o uso do termo problema entre aspas, ora atribuindo seu conceito à forma de tratamento dada pelo governo aos usuários de drogas; a tese central do artigo é que o Estado erra no modo de resolução do problema, mas não há negação do problema em si, que pode ser caracterizado pela existência, na Cracolândia, de pessoas em situação social degradante, evidenciando, dessa forma, que não há o objetivo real de melhorar a vida dos que lá vivem, mas uma revitalização da área com fins especulativos.

Ao narrar a operação policial e resumir a história dos bairros da Luz e de Campos Eliseos, o produtor do texto faz uso da *narrativização* como forma de legitimação, explicando o presente por meio da tradição de ações estatais, malsucedidas, praticadas no local.

Ainda é possível destacar expressões como “*intervenção*” com “*intensidade inédita*” para aludir a ações extremamente violentas executadas pelas forças policiais, tais escolhas vocabulares carregam valoração pretensamente neutra e, portanto, são *dissimulações*, caracterizadas pela estratégia de *eufemização*. Assim, apesar do autor procurar repreender a operação, a análise do texto pode apontar para um olhar pouco crítico da atuação policial. Ainda nesse sentido, podemos apontar o trecho: “*assistimos à polícia civil protagonizar uma ação municipal violenta*”, que ratifica os processos de *eufemização* nas descrições das práticas policiais contra os moradores da Cracolândia, pois os policiais passam de agentes provocadores da violência a protagonistas em uma cena de violência já existente no âmbito municipal: a violência deixa de ter um agente para ser um fenômeno do território.

Há, ainda, expressões como “*problema*”, “*cenos recentes*” e “*uso problemático de drogas*” para tratar da situação de abandono e violência vivenciada na região, e “*ao arrepio da lei*” para tratar da flagrante ilegalidade de certas medidas estatais ligadas ao tratamento dos dependentes químicos que resistem à intervenção terapêutica.

É pertinente, ainda, ressaltar a estratégia de *fragmentação* por meio do *expurgo do outro*. Segundo Thompson (2011) relações de dominação devem ser mantidas não unificando as pessoas numa coletividade. O autor considera possível fragmentar uma comunidade fazendo uso da construção de um inimigo. No texto, esse inimigo, que deve ser expurgado, é o grupo de moradores da Cracolândia, representados pelos usuários de crack que vivem no local. O produtor do texto busca, em um primeiro

momento, ser a voz que se propõe a resolver esse problema de forma acertada e definitiva, sendo opositiva à atuação estatal efetivada por Município, Estado e forças policiais de São Paulo. Entretanto, é possível reconhecer que ele observa essas pessoas que precisam de ajuda como “*problema*” e “*incômodo*” que necessitam ser superados, isto é, existe um grupo de pessoas, caracterizado como um problema, que precisa ser “solucionado” para que as adversidades vivenciadas no local sejam vencidas, isso pode evidenciar a naturalização da estratégia de higienização social e a gentrificação da região.

Em nenhum momento a crítica pretende individualizar ou humanizar os cidadãos que sofreram a violência narrada, nem se propõe a discutir os abusos da operação em si, há apenas o objetivo de, superficialmente, focalizar equívocos políticos do prefeito de São Paulo e do Governo do Estado na resolução do grande transtorno que é a existência de usuários de crack morando na região central da capital paulista.

A argumentação presente no texto opõe-se ao modo como os governos municipal e estadual intervieram na Cracolândia, entretanto, após análise de alguns modos de operação ideológicos, é possível afirmar que o produtor do texto buscou, na verdade, ser neutro em relação às ações narradas, sem apontar de forma contundente ilegalidades e imoralidades da operação policial em questão.

## 5 | ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Com base na análise, é possível extrair significados que vão além do textualmente expresso. A argumentação presente no texto se opõe ao modo como os governos municipal e estadual intervieram na Cracolândia, além de indicar uma avaliação positiva expressa do Programa Político preconizado pela administração anterior. Entretanto, em uma análise discursiva crítica, é possível desvelar o teor ideológico do texto e perceber uma crítica superficial à atuação do atual governo, sem apontar de forma contundente ilegalidades e imoralidades da operação policial.

A abordagem do texto não promove uma compreensão do tema e denota que o individual se sobrepõe ao coletivo no sentido de revelar que as ações públicas na região da Cracolândia não têm o real objetivo de melhorar a vida dos que lá vivem, mas baseia-se em um processo de higienização social e gentrificação, visando a especulações imobiliárias. Entretanto, não há crítica efetiva à ação estatal, ou à violência policial, e sim à sua ineficácia diante dos inconvenientes causados pelos moradores da Cracolândia. O texto encerra um discurso político que não evoca uma discussão ampla sobre questões voltadas para os usuários de drogas e o contexto sócio-histórico em que estão envolvidos, nem pretende alcançar a temática com uma orientação mais ampla para saber como agir com as pessoas que se encontram na condição de usuários de drogas, pelo contrário, desde o seu título, são representados

por termos que não carregam o traço humano, ou seja, são mencionados por meio do lugar espacial que ocupam na cidade, neste caso, ideologicamente denominado Cracolândia para se referir aos bairros centrais de São Paulo.

Os resultados expressam, através das particularidades linguísticas e das nuances de significado, a desumanização e a estigmatização das pessoas que vivem naquele ambiente; a precarização social de uma problemática mais profunda e complexa do que a apresentada pelo texto no que se refere a ações públicas voltadas para usuários de drogas.

## REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, A. M. M. **Manual de produção de textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Atlas, 2013.

COSTA, E., 2016. Disponível em: <[www.courb.org/pt/o-que-e-gentrificacao-e-por-que-voce-deveria-se-preocupar-com-isso](http://www.courb.org/pt/o-que-e-gentrificacao-e-por-que-voce-deveria-se-preocupar-com-isso)>. Acesso em: 03 outubro 2017.

DIJK, V. **Congnição, Discurso e Interação**. 4ª edição. São Paulo: Contexto, 2002.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse**. Nova York: Routledge, 2003.

LEEUVEN, T. V. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, E. R. **Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional**. Lisboa: Caminho, 1997. p. 169-222.

SILVA, F. C. O. da. **A construção social de identidades étnico-raciais: uma análise discursiva do racismo no Brasil**. Brasília: UnB, 2009. Tese (Doutorado em Linguística).

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**Ivan Vale de Sousa** - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Licenciado em Letras: Português/Espanhol e Respectivas Literaturas pela Fundação Universidade do Tocantins. Licenciado em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise do discurso 9, 15, 16, 384, 387

Aparecido alves machado 173, 174, 179, 180, 181, 182, 190, 191

Aprendizagem 19, 20, 21, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 54, 55, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 75, 76, 85, 86, 87, 90, 91, 94, 96, 98, 99, 100, 105, 108, 109, 114, 117, 118, 119, 121, 123, 124, 126, 150, 155, 158, 159, 160, 270, 274, 275, 277, 278, 280, 281, 282, 294, 306, 308, 309, 310, 311, 312, 314, 315, 349, 350, 355, 358, 359, 360, 361, 362, 363

### C

Cinderelas do campo 173, 174, 175, 179, 180, 182, 183, 184, 190, 191, 192

Compreensão oral 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84

Comunicação 25, 28, 32, 46, 47, 65, 66, 67, 69, 70, 73, 77, 78, 80, 81, 85, 87, 88, 89, 91, 94, 96, 97, 105, 106, 122, 125, 143, 144, 149, 157, 160, 161, 180, 272, 273, 274, 277, 288, 293, 295, 299, 306, 309, 337, 339, 340, 342, 347, 348, 376, 378, 398

Conhecimento 2, 7, 15, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 29, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 41, 48, 49, 51, 54, 55, 65, 69, 70, 71, 72, 77, 78, 80, 82, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 114, 117, 118, 121, 123, 137, 151, 152, 159, 164, 166, 167, 169, 211, 223, 247, 254, 268, 269, 273, 274, 275, 278, 279, 280, 281, 298, 303, 304, 306, 311, 313, 314, 316, 317, 319, 321, 324, 328, 329, 331, 333, 334, 337, 343, 344, 345, 347, 351, 352, 360, 387

Corpo 13, 113, 136, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 166, 167, 168, 169, 203, 219, 222, 223, 224, 225, 230, 231, 235, 237, 239, 278, 280, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 305, 306, 308, 309, 310, 311, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 351, 355, 356, 357, 358, 361, 368

Currículo 17, 33, 37, 68, 69, 71, 72, 115, 117, 118, 121, 125, 232, 303, 351, 360

### D

Discurso 8, 9, 10, 15, 16, 17, 27, 33, 39, 45, 78, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 115, 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130, 131, 142, 154, 158, 213, 216, 217, 219, 221, 222, 223, 226, 227, 229, 230, 231, 251, 254, 266, 283, 286, 292, 297, 335, 344, 347, 364, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 384, 385, 386, 387, 388, 391, 392, 393, 394, 397, 398

### E

Encontro 36, 37, 45, 49, 53, 54, 83, 92, 101, 134, 150, 151, 153, 157, 158, 159, 160, 161, 219, 230, 263, 274, 284, 290, 294, 297, 298, 316, 325, 326, 335, 337, 344, 348

Ensino de gramática 43, 44, 45, 46, 47, 63, 89

Ensino de língua 21, 23, 28, 30, 45, 48, 63, 66, 68, 73, 85, 119, 122, 123, 124, 127

Ensino de línguas 31, 33, 35, 36, 41, 74, 87, 88, 89, 119, 120, 125

Estratégias didático 17, 18, 22

Ética 88, 125, 126, 150, 157, 159, 162, 231, 261

## F

Formação continuada de professores 41, 117

Formação do professor 31, 126

## G

Gêneros textuais 26, 43, 44, 47, 50, 63, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 123

## I

Indígena 193, 194, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 358

## L

Letramentos 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 40, 93, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Linguagem jornalística 9

Língua inglesa 1, 6, 7, 8, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 74, 75, 76, 81, 83, 84, 126, 139, 364

Língua portuguesa 4, 8, 9, 15, 16, 17, 18, 38, 44, 45, 47, 48, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 85, 86, 89, 90, 91, 93, 94, 101, 102, 105, 107, 122, 124, 127, 128, 148, 149, 205, 217, 222, 364, 399

Língua portuguesa para surdos 73

Línguas estrangeiras 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 74, 75, 118, 247

Linguística aplicada 18, 32, 41, 97, 100, 102, 103, 117, 118, 119, 120, 122, 123, 125, 126, 127

Literatura 5, 6, 18, 43, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 60, 64, 94, 100, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 115, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 137, 138, 142, 144, 146, 148, 149, 163, 164, 165, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 184, 188, 190, 191, 192, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 227, 231, 233, 241, 247, 248, 252, 257, 258, 259, 262, 265, 266, 267, 269, 338, 364, 367, 368, 378, 379, 382, 384

Literatura de cordel 43, 44, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 60, 64

Literatura sul-mato-grossense 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 190, 191, 192

Lugar das línguas 1

## M

Mapuche 193, 194, 197, 198, 201, 202, 204, 205

Monitoria de língua portuguesa 93

Moodle 74, 75, 76, 80, 81, 83, 84

Mulher 112, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 190, 191, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204, 209, 239, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 288, 289, 290, 291, 332, 333, 334

Multimodalidade 31, 32, 33, 34, 35, 37, 41

## O

O cortiço 112, 115, 163, 164, 165, 167, 168, 171, 172

Oralidade 24, 28, 29, 37, 40, 51, 54, 85, 86, 87, 89, 90, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 114, 115, 211, 213, 276, 277

## P

Pedagógicas 17, 18, 22, 39, 50, 65, 66, 69, 71, 72, 73, 78, 84, 85, 87, 92, 93, 121, 155, 157, 158, 159, 332, 334

Perspectiva bilíngue 65, 66, 72

Podcast 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Poesia 49, 50, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 139, 140, 144, 145, 147, 148, 149, 165, 173, 177, 180, 188, 190, 207, 213, 216, 260, 299, 374

Política 1, 6, 7, 8, 88, 114, 120, 121, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 169, 177, 183, 187, 191, 201, 212, 215, 225, 231, 242, 250, 261, 266, 286, 292, 326, 329, 345, 348, 365, 366, 372, 375, 376, 377, 381, 385, 390, 392

Política linguística 1, 7, 8

Práticas pedagógicas 39, 50, 65, 66, 69, 71, 72, 121

Professores de língua materna 17

Proficiência 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 21, 80, 103

## R

Representação feminina 163, 168

Romantismo 133, 135, 136, 144, 145, 173, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 188, 190, 191, 192, 213, 241, 259, 260, 261, 262, 267, 269

## S

Sequência didática 43, 44, 49, 51, 52, 54, 55, 64, 85, 90

Simão Dias 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Subalternidade 193, 201, 212, 374

Subordinação 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 204

## T

Tecnologias digitais de informação 85

## V

Videoclipe musical 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**